

**PSICOLOGIA DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES NO CONTEXTO DA
PANDEMIA DO COVID-19: UMA ANÁLISE DE UM DEBATE DO CONSELHO
FEDERAL DE PSICOLOGIA**

PSYCHOLOGY OF EMERGENCIES AND DISASTERS IN THE CONTEXT OF THE
PANDEMIC OF COVID-19: AN ANALYSIS OF A DEBATE OF THE FEDERAL COUNCIL
OF PSYCHOLOGY

AGUIAR, Nathália Arruda¹
FONSECA, Victor Alves de Oliveira²
OLIVEIRA, Ellen Cristina de³
TORTORELLI, Larissa Ribeiro⁴
LUIZ, George Moraes de⁵

RESUMO

O presente artigo traz a psicologia de emergências e desastres como um tema atual e é de suma relevância frente ao COVID-19, fazendo-se necessárias as discussões sobre a atuação do psicólogo neste contexto. Foi a partir da discussão da atuação do psicólogo em uma pandemia como esta que o mundo está vivendo, que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) disponibilizou no ano de 2020, um debate sobre a Psicologia de emergências e desastres. Diante disto, a pesquisa realizada é de caráter qualitativo e com referencial bibliográfico sobre as condições de biossegurança, para facilitar o entendimento das estratégias psicossociais à estabilidade emocional da população e dos trabalhadores da linha de frente que combatem o coronavírus.

Palavras-chave: Análise do debate. Biossegurança. Coronavírus. Pandemia. Psicologia. Psicologia de Emergências. Desastres.

ABSTRACT

This article brings the psychology of emergencies and disasters as a current topic and is of paramount relevance to COVID-19, making it necessary to discuss the role of the psychologist in this context. It was from the discussion of the psychologist's performance in a pandemic like this one that the world is experiencing, that the Federal Council of Psychology (CFP) made available in 2020, a debate on the Psychology of emergencies and disasters. In view of this, the research carried out is qualitative in nature and has a bibliographic reference on biosafety conditions, to facilitate the understanding of

¹ Graduanda em Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG, e-mail: nathaguiera@gmail.com

² Graduando em Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG, e-mail: krosso.victor@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG, e-mail: ellencristina20888@gmail.com

⁴ Graduanda em Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG, e-mail: larissatortorelli32@gmail.com

⁵ Professor Dr. e orientador do curso de Psicologia do UNIVAG, e-mail: george.l Luiz@univag.edu.br

psychosocial strategies for the emotional stability of the population and front-line workers who fight the coronavirus.

Keywords: Debate analysis. Biosafety. Coronavirus. Pandemic. Psychology. Emergency. Disaster Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Diariamente ocorrem inúmeros acontecimentos no cotidiano das pessoas, e aqueles do qual não se tem o amparo para suportá-los são acontecimentos chamados de Emergências e Desastres, que podem ser de ordem natural ou provocada pelo homem. Tais eventos, como: deslizamentos de terra, enchentes, furacões, dentre outros, trazem prejuízos à saúde mental dos envolvidos, seja por perdas familiares, de moradia, ou a falta de recursos financeiros. Isto fundamenta, por si só, e justifica o porquê a psicologia adentra neste cenário (PAULINO; SANT'ANA, 2018).

No cenário atual, em meio a uma pandemia causada pelo coronavírus 2019 (COVID-2019), um assunto falado e majoritariamente discutido são os impactos que esta tem causado na vida de toda a população. Em março de 2020, após o surto de casos na China, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Emergência da Saúde Pública de Interesse Internacional (CRUZ, 2020).

De acordo com Brooks *et al.* (2020, *apud* CRUZ, 2020), os reflexos sociais, econômicos e na saúde física e mental das populações, enfatizando as mais vulneráveis, caracterizam essa pandemia como uma situação de crise e emergência. Tendo em vista que esta situação de isolamento social, condicionada pela situação atípica, está afetando a saúde mental das pessoas, se faz necessária a promoção de ações voltadas para o autocuidado e comportamento seguro.

Neto e Belo (2015) fazem uma introdução na história da Psicologia de Emergências, quanto a consequência de tornar a saúde coletiva uma grande questão de interesse, a área da psicologia começa a ter uma visibilidade em meados do século XX, em decorrência às tragédias de grande proporção nos Estados Unidos da América, ainda naquele período. Em virtude, por parte de estudiosos e pesquisadores, ocorreu um grande crescimento nesta área, proporcionando ainda atualmente a procura pelo assunto.

Ainda fora do Brasil, a Psicologia de Emergências começava a abordar temas além dos desastres, como os pós-desastres. No século XX, meados da década de 70, segundo Neto e Belo (2015, p. 285), “o Instituto de Saúde Mental do Departamento de Saúde dos

Estados Unidos promulgou a lei na qual consta uma seção sobre a orientação psicológica aos atingidos por desastres”, fazendo com que a Psicologia de Emergências crescesse tanto nas pesquisas como nos estudos.

O campo da Psicologia de Emergências ganhou visibilidade no Brasil ao fim dos anos 80, a partir de um acidente causado por um material que continha elementos radioativos. Sendo assim, em conjunto, universidades brasileiras começaram os trabalhos dando ênfase na recente área da psicologia, ganhando anos depois seminários e palestras para especialização da abordagem (NETO; BELO, 2015).

Outro marco importante na inserção da Psicologia de Emergências e Desastres foi a tese de doutorado defendida no ano de 2000, pela Psicóloga Ângela Elizabeth Lapa Coêlho, a qual abordou a seca no Nordeste. Foi uma das pioneiras nessa área de emergências e desastres no território nacional, possuindo vários trabalhos com ênfase nessa forma de atuação, sendo uma das maiores referências nesse assunto, não seria possível não a citar no presente estudo, pois a mesma possui um currículo grandioso diante da abordagem retratada.

De acordo com Braga *et al.* (2018, p. 180) “o Atlas Brasileiros de Desastres Naturais, aponta no Brasil um aumento de casos entre os anos 2000 e nos anos 2010, 2011 e 2012”. Tendo em vista que a Defesa Civil demonstra uma dificuldade em manter estes dados atualizados, há uma complexidade ao se falar desta temática, levando em consideração os esforços para o registro e organização dos órgãos públicos. Um dos panoramas mais recentes realizados em 2013, pelo Ministério da Integração Nacional e analisado por Braga *et al.* (2018) demonstra que no ano de 2013, 18.557.233 pessoas foram afetadas por desastres naturais, e destas, 168.279 ficaram debilitadas ou feridas, 41 morreram por causa de deslizamentos e mais 38 por enxurradas. Na região semiárida, a ausência de chuvas dá continuidade à seca, agravando o que afeta a vida de 11.550.159 pessoas e deixa 68.047 pessoas acometidas de enfermidades. Então, percebe-se que em alguns acontecimentos, é necessário que a Psicologia de Emergências e Desastres auxilie para uma melhor adaptação das pessoas às abruptas mudanças que esses acontecimentos podem gerar.

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada sobre um ajuntamento de casos de pneumonia sem causa conhecida, na cidade de Wuhan localizado na província de Hubei (China). Passados 5 meses após este alerta, se confirmou como um novo tipo de vírus e a doença pelo Coronavírus 2019 (COVID-19). “O alto índice de contágio, velocidade de transmissão e a complexidade do tratamento fez com que

fosse declarada pandemia no mês de março, chegando a 188 países e fez milhares de vítimas” (SOUTO, 2020, p. 13).

Segundo Souto (2020) *apud* Gorbalenya (2020), “a COVID-19 é uma síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), ou como novo coronavírus”. Diante disso, o autor explica que a transmissão ocorre quando os indivíduos entram em contato com gotículas produzidas no ato da conversa, tosse e espirros (SOUTO, 2020). Demandando assim, estratégias de cuidados extremos, tais como: o distanciamento social, higienização das mãos constantemente, evitar tocar na boca, olhos e nariz, gerando uma situação totalmente inédita de configuração atual do mundo.

A Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012, regulamenta a gestão dos desastres naturais no Brasil, e visa adotar medidas de sistematização das informações e monitoramento dos desastres. Em seu Art 2º orienta-se que os municípios, Estados, Distrito Federal e União adotem medidas de prevenção e redução dos riscos de desastres, adotando uma abordagem sistêmica das ações de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação dos mesmos (BRASIL, 2012).

Diante do Anuário Brasileiro de Desastres Naturais, foram notificados 493 desastres naturais, os quais afetaram 18.557.233 pessoas (BRASIL, 2014). Esse anuário é produzido pelo CENAD (Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres) e retrata os principais ocorridos em um ano no Brasil. Em uma média dos Municípios, 4.433 foram afetados, sendo que 70,99% deles devido à seca/estiagem, a maior parte no Nordeste brasileiro. De acordo com o IBGE (2017), em 2017 os desastres naturais ocorreram com mais frequência, por conta dos danos humanos. A seca foi o que mais afetou a população, sendo 48,6%, em segundo os alagamentos com 31% e em terceiro as enchentes/enxurradas com 27%. As regiões mais afetadas do país são Nordeste e Sul.

Um dos desastres que acarretou uma grande porcentagem de doenças e agravos, foi o da cidade de Brumadinho no ano de 2019, segundo boletins epidemiológicos, durante as investigações muitos trabalhadores estavam presentes no local e no momento do acidente. Em um registro de 2019, os dados apontam que 98,9% da população da cidade estava diretamente relacionada ao desastre da Vale, o qual atingiu 264 trabalhadores, e levou 243 a óbito. Fora a morte dos trabalhadores que estavam no local, ocorreu um grande índice de intoxicação pelos rejeitos de minério após o incidente, este fato surtiu em um aumento de 32,6% nos trabalhadores e moradores sobreviventes, pois no ano 2018 os casos não existiam e em janeiro de 2019 já havia 15 casos de intoxicação. Outro agravante foram as Doenças Diarreicas Agudas (DDA's), que tiveram cerca de 31,22% de aumento no ano de

2018, os casos de dengue passaram de 42 no ano do incidente para 1.032 casos prováveis no ano seguinte. Além dos casos de dengue, casos de chikungunya também foram notificados, sendo estes 4.028. Transtornos psicossociais também foram registrados no ano de 2018 e 2019, em relação ao de 2018 foram 116 casos a mais, dentre eles, autoagressão (33,2%) e tentativas de suicídio (11,2%), já no ano seguinte, 72 notificações foram feitas, sendo autoagressão (31,9%) e tentativas de suicídio (12,5%) (BRASIL, 2020).

Atualmente, o cenário de Emergências e Desastres em que se encontra o Brasil é devido à pandemia do COVID-19, que vem se alastrando no mundo inteiro. Os dados obtidos por uma plataforma criada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Universidade Federal da Bahia, a “MonitoraCovid-19”, demonstram os levantamentos de dados de casos acumulados, óbitos acumulados, casos novos e óbitos novos, ao final de cada dia, em todo território brasileiro. No Brasil estipula-se que entre os dias 31 de maio de 2020 a 13 de junho de 2021, são 17.412.766 casos já confirmados, sendo 487.401 de óbitos acumulados. Já a plataforma criada pelo Ministério da Saúde, “Coronavírus Brasil”, apresenta números de casos recuperados, e estima que cerca de 15.854.264 brasileiros já se recuperaram do COVID-19. Ainda com os dados da plataforma “Coronavírus Brasil”, pode-se direcionar os resultados para um painel geral dos estados, verificando assim que no Centro-Oeste, o número de casos apresentados até o dia 14 de junho de 2021 é de 1.798.478 casos já registrados, sendo 47.744 óbitos. Sob o mesmo ponto de vista e adentrando ainda sobre os casos do coronavírus, no estado de Mato Grosso o índice de pessoas contaminadas com o novo vírus no ano de 2021 é de aproximadamente 427.057, sendo 11.271 óbitos, uma incidência por 100 mil habitantes de 12.256, e uma incidência de mortalidade por 100 mil habitante de aproximadamente 323,5 (BRASIL, 2021).

2 METODOLOGIA

O presente trabalho tem como propósito apresentar as atuações do psicólogo a partir da utilização da biossegurança diante da pandemia do COVID-19, abordando a discussão do debate ao vivo realizado pelo Conselho Federal de Psicologia em suas redes sociais. A pesquisa é qualitativa, por explorar temas mais subjetivos, a partir de um assunto específico diante do enfrentamento da pandemia. “A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1994, p. 22). Logo, ao deparar-se com o debate, a pesquisa qualitativa torna-se o melhor entendimento por trazer as

experiências e visão da realidade, dado que, em uma pesquisa quantitativa não seria possível auxiliar na compreensão do tema.

A coleta de dados está relacionada à pesquisa documental, por ser uma análise pública e disponível para todos, através do vídeo gravado pelos profissionais da Psicologia e publicado nas redes sociais do conselho. Neste caso, ao mencionar os documentos de domínio público, estas são as obras divulgadas para que todos tenham acesso aos temas, entretanto, mesmo algumas obras sendo produzidas publicamente, ainda sim, em algumas situações e ocasiões será necessário pagar para o acesso. De acordo com Spink *et al.* (2014, p. 213) “os documentos de domínio público são – em si mesmos – produtos sociopolíticos de uma ideia radical”. O que torna mais interessante a análise de documentos de domínio público são as opiniões que terceiras pessoas produzem utilizando de uma principal referência.

O mapa dialógico é o método adotado para a elaboração da pesquisa, este é o que mais se adequa quando há uma metodologia e objetivos focados nos estudos de pesquisas documentais qualitativas. Para dar início às etapas de construção do mapa, é necessário analisar todo o trajeto dialógico sobre os temas que estão sendo apresentados na pesquisa, isso faz com que o pesquisador tenha, primeiramente, uma facilidade em refletir e apresentar o estudo. Diante disto, as etapas são definidas pela Transcrição Integral, Transcrição Sequencial e Mapa Dialógico (SPINK, *et al.*, 2014).

De acordo com Spink *et al.* (2014, p. 269) “a escolha sobre o uso e a apresentação dependerá do contexto de produção do texto e de seu endereçamento”. Além disso, o uso das práticas discursivas, que demonstram interesses linguísticos, faz com que a amostragem ampla do estudo seja mais sofisticada em detalhes. Sendo assim, a análise bem interpretada poderá ser identificada a cada passo que o pesquisador inserir o resultado, dando visibilidade e posicionamento sobre a pesquisa. Logo, com a transcrição integral do debate foram utilizados trechos das falas mais relevantes para construção da transcrição sequencial, que tem como objetivo encaminhar os temas que aparecerão na criação do mapa. Após ter todos os recortes das falas em cada tema de referência, foi montado o mapa dialógico a partir de colunas, separadamente, apresentando todos os temas de possíveis objetivos analisados para a pesquisa, e por fim, decorrendo das análises, facilitando a criação dos resultados e discussões (SPINK, *et al.*, 2014).

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada a partir da análise do debate “Coronavírus: Atuação da Psicologia em Emergências e Desastres” apresenta questões importantes para o enfrentamento da pandemia em que a sociedade atualmente está inserida, incluindo os profissionais da Psicologia. Durante a discussão serão apresentadas em destaque as falas das Psicólogas que participaram do debate ao vivo, sendo elas: Ionara Rabelo, Débora Noal e Maria da Conceição Pereira. Referente aos resultados, serão apresentados os três temas de grande relevância para a pesquisa e seus respectivos, sendo eles: 1) Estratégias de Cuidado; 2) Cuidados de Biossegurança e 3) A atuação do Psicólogo.

3.1 ESTRATÉGIAS DE CUIDADO

Ao deparar-se com qualquer tipo de doença que afeta a rede de convívio, é necessário possuir estratégias de cuidados para não ocorrer situações epidêmicas como as quais o mundo inteiro está passando atualmente. As estratégias servem como prevenção da proliferação e contágio do coronavírus, um novo vírus que necessita ainda de muitos estudos para soluções. Como a população não está acostumada a viver e conviver com estratégias de cuidados como os cuidados básicos que foram necessários adotar, por exemplo: o uso da máscara, o álcool em gel nos ambientes ou um lugar para lavar as mãos constantemente, a questão de higienizar sempre os locais que todo mundo coloca as mãos, dentre várias outras medidas, é normal que no momento, o sentimento de medo e a desinformação de como seguir os protocolos de segurança - oferecidos pelo Ministério da Saúde ou a Organização Mundial da Saúde (OMS) - sejam frequentes.

As estratégias de cuidados sempre estarão direcionadas ao local onde as pessoas residem, trabalham, e se socializam, “preciso entender o que eu já tenho de dispositivo, quais são as minhas políticas públicas, como elas se interagem, como elas não se articulam” (NOAL, 2020). A princípio, para que a estratégia tenha uma forma coerente de chegar a todos, o profissional precisa fazer um processo de gestão, que se baseia na vivência daquele determinado grupo.

Conseqüentemente em relação aos acontecimentos que a população está presenciando atualmente, as estratégias também incluem uma formação de processos referentes aos cuidados da saúde mental. A pandemia do coronavírus pode influenciar

tanto nos fatores psicológicos quanto em alguns fatores sociais, pois as mudanças repentinas nos costumes diários de uma população fazem com que as aparições de comportamentos e sentimentos anormais sejam manifestadas em formas psicopatológicas. Para formação das estratégias de cuidado, é preciso ressaltar, primeiramente, as condições de biossegurança necessárias para o amparo daquela população, visto que fazem parte das questões relacionadas à atenção psicossocial (NOAL; PASSOS; FREITAS, 2020).

Ao relacionar a atenção psicossocial em um processo de estratégias, analisa-se aqui um ambiente em que momentos como esse não podem ficar paralisados, que são os Centros de Atenção Psicossociais (CAPS). Para que haja uma forma de atendimento e acolhimento, é necessário que façam estratégias de cuidados ao receber todos os seus usuários e até mesmo os próprios colaboradores que estarão ali presentes. A base dos cuidados estará tanto na orientação de como seguir as normas de biossegurança, quanto no fornecimento de equipamentos adequados na instituição.

O compromisso da Psicologia acerca do gerenciamento de cuidados requer a ajuda de outros profissionais na área da saúde para elaboração dos primeiros processos de atenção psicossocial. Segundo Noal (2020) “a gente pode passar informações técnicas, então a gente produz um tipo de informação que chama os primeiros cuidados psicológicos, são guias já que são produzidos por muitas agências”, a partir do momento que as informações são repassadas por profissionais da Psicologia, todos os outros poderiam em um primeiro momento, atender, acolher e estabilizar emocionalmente, as reações mais intensas da população, diante da pandemia do coronavírus.

Para que haja um retorno positivo nas normas de saúde sugeridas a partir da estratégia de cuidados, é necessário lembrar que, para que as informações sejam fidedignas, estas precisam ser repassadas através de profissionais que estudam toda a gestão com a finalidade de que chegue à sociedade como forma preventiva. Mas também, o que ocasiona a dificuldade da chegada destas informações é a própria falta de informação para pessoas carentes dessas redes. A crise atual é formada pela omissão de informações para milhões de pessoas, um exemplo disto é, o Brasil possui grandes comunidades formadas por pessoas de baixa renda, as quais não possuem saneamento básico e água, que são duas das principais estratégias de cuidados e formação da biossegurança.

3.2 CUIDADOS DE BIOSSEGURANÇA

A psicóloga Ionara Rabelo (2020) começa sua participação no debate relatando a dificuldade dos profissionais de se atualizarem com as notas técnicas, citando como exemplo “ocê leu a nota da ANVISA de 2020, atualizada pela 3ª vez no dia 31 de março?” recebendo como resposta “Li, mas não entendi nada devido a sua extensão de 73 páginas”. Com isso, uma das primeiras informações a trazer como pauta é que para a saúde física e psicológica estarem de acordo com o adequado, deve-se saber todo o processo de transmissibilidade, e como o profissional além de se proteger, vai proteger a equipe e família.

Segundo Rabelo (2020), há uma preocupação em comum entre profissionais da área da saúde e dos cidadãos comuns em relação à biossegurança: "Qual critério de segurança?", e para que isso seja respondido é fundamental conhecer as notas técnicas que saem cotidianamente por parte dos profissionais da saúde, podendo através da capacitação levar essas informações aos usuários, pois os medos podem ser administrados a partir das informações fidedignas e desmistificadas. O Ministério da Saúde apresenta que as normas de biossegurança devem ser rotineiramente treinadas e passadas com a equipe, englobando os CAPS, UTI'S e enfermarias, ou seja, em todos os níveis de atenção (BRASIL, 2020).

Logo, é de extrema importância a leitura da nota técnica da ANVISA (2020), ficando assim informado, pois sabe-se que para cada nível de atenção há um critério de biossegurança que deve ser seguido, reavaliando os riscos de contaminação de cada lugar. Os profissionais da Psicologia não têm um repertório como o de um enfermeiro ou de alguém da Comissão de Controle de Infecção do município, e são esses especialistas os indicados para a realização de treinamento ou capacitação para este novo período em que é necessário um cuidado especial e especializado em relação à biossegurança em todos os níveis de atenção da saúde.

O vírus do COVID-19 é novo e nunca havia sido vista uma proporção de infecção tão grande, pois até o momento foi capaz de disseminar pelo mundo, e grande parte da população poderá ser contaminada devido a não descoberta de um imunizante natural (aqueles produzidos pelo organismo). Devido ao aumento de casos, o distanciamento social é uma das principais estratégias evitar a contaminação pelo vírus, colaborando assim com o sistema de saúde. O vírus pode ser transmitido tanto por gotículas, como aerossóis que saem a partir de um espirro, ou pela tosse, e por fluidos corporais quando se está infectado. A partir deste momento que o mundo está vivenciando, é fundamental que sejam

inseridos na rotina os hábitos de higienização das mãos, superfícies de contato direto, o uso de máscaras, e, portanto, os profissionais da saúde, e os que são linhas de frente, devem ser orientados a passar a utilidade dessas informações tanto para os colegas como para a população em geral.

Segundo Rabelo (2020) “o vírus vai ter um período de incubação média de 5 dias até 12 dias, e por isso, se é um caso suspeito, a gente tá pedindo pra que essa pessoa se isole”, este processo se faz importante para evitar que enquanto não se tem a certeza se houve o contágio ou não, seja prevenido para que não se prolifere a contaminação. Como a psicóloga Ionara Rabelo aborda, a respeito da transmissibilidade, que se refere à capacidade de transmissão neste caso do vírus, esta acontece em média até 7 dias após os sintomas, contudo não há garantia se esta transmissão pode ocorrer antes sem o aparecimento dos sinais/sintomas.

Entretanto, o meio mais seguro é fazer o isolamento e continuar com as medidas de biossegurança, por se tratar de um vírus novo, potente e que muitas vezes acaba confundindo algumas pessoas por ter os mesmo sintomas com outras doenças virais, como por exemplo a gripe, que apresenta sintomas bem parecidos aos do COVID-19. Quanto às atenções mediante as orientações de biossegurança, aborda-se toda a rede de convívio que aquele trabalhador possui, e não apenas a equipe que ele trabalha, pois ele pode estar levando o vírus para casa, e por fim acabar contaminando o próprio lar. Enfatizando a fala da Psicóloga Ionara Rabelo (2020), “quanto mais eu sei de um risco, melhor eu me preparo pra ele, e melhor eu tenho a capacidade de ir equilibrando afetivamente, como é que eu vou lidar com isso se eu me contaminar, a culpa é menor”.

Diante das alternativas que a Psicologia possui para o enfrentamento, e para que ocorram os atendimentos psicoterapêuticos, existem medidas de biossegurança para a ocorrência dos serviços. Os atendimentos remotos são uma capacidade e uma estratégia de biossegurança, o que faz com que os profissionais não precisem sentir medo e receio ao trabalharem. Rabelo (2020) acrescenta que a Psicologia, Assistência Social, junto com outras profissões na área da saúde, devem se integrar para criação de uma linha de cuidados que seja efetiva-protetiva tanto para os trabalhadores quanto para as pessoas que estão sendo atendidas.

3.3 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO

Durante todo o debate é discutido sobre a importância da atuação do psicólogo no contexto de emergências e desastres. Em sua fala, a Psicóloga Maria da Conceição (2020), diz sobre a procura por profissionais da psicologia e como os questionamentos trazidos pelos pacientes são parecidos com os do próprio profissional. Como aguentar o período de isolamento, as estratégias que precisam ser criadas a partir desse contexto e a ansiedade do novo são alguns pontos que atravessam o psicólogo e este se vê pressionado em conseguir suportar e conseguir meios de manejar seus atendimentos.

Primeiramente, para diminuir a ansiedade e ter uma melhor administração sobre o trabalho, é necessária a procura de informações verídicas, de sistemas de comunicações confiáveis. Maria da Conceição (2020) fala sobre a importância das mídias sociais nesse meio, pois a partir delas que cada indivíduo recebe informações e reage de maneira singular. Logo, informações fidedignas colaboram para auxiliar a gestão do psicólogo nesse contexto e a medir sua percepção do risco. Em seguida, é necessária a discussão da mudança de percepção das emergências e desastres a partir da referência dessas informações, pois as condições da pandemia do COVID-19 são muito novas, sem muitas recomendações específicas sobre a atuação nesse cenário.

Outro ponto levantado no debate por todas as participantes diz sobre o medo dos profissionais em relação à contaminação, e a desinformação sobre os EPI 's. A participante Ionara Rabelo (2020) discorre que o receio da contaminação está totalmente ligado à desinformação acerca das normas de biossegurança, uma vez que os próprios profissionais de saúde não se interessam pela busca de informações ou não se atentam em pedir orientação para outras áreas, como a enfermagem. Para isso, Ionara sugere que cada profissional primeiramente busque informações iniciais, disponíveis na nota técnica da ANVISA, feita em 2020 e que vem constantemente sendo atualizada. Posteriormente, a psicóloga ressalta que os profissionais não estão cuidando apenas de si, mas de toda a sua rede de atendimento e de seus familiares, por esse motivo se faz tão necessário seguir as normas de segurança exigidas no ambiente de trabalho neste contexto.

Por fim, com toda a informação e cuidados necessários ditos pelas participantes, Débora Noal (2020) desenvolve um *checklist* para auxiliar os profissionais a montarem uma estrutura de gestão em seu ambiente de trabalho. Para iniciar, se faz necessário um mapeamento da instituição onde irá gestar, captando a história, cultura e estrutura do ambiente. De acordo com a participante, é de suma importância levantar esses dados, pois

a partir deles o psicólogo pode traçar estratégias que não agridam a estrutura já presente do lugar, podendo se adequar a elas. É importante ressaltar que o psicólogo inserido em instituições de serviço como CAPS, devem seguir a demanda e o número de atendimentos já antes estabelecidos. Em virtude dessa demanda, o segundo ponto é formar uma rede de ajuda com voluntários, desde que conectados com a estrutura já criada, para que tenha uma boa organização e consistência no serviço.

Em último, Débora Noal discorre a respeito da estruturação das estratégias para formação e atenção psicossocial neste momento de pandemia, pensando nos primeiros cuidados psicológicos. Como o mundo vive um momento que não permite aglomerações, é importante que sejam criadas de forma online, procurando primeiramente uma formação da equipe, para que possam aprender como estabilizar emocionalmente um indivíduo (NOAL, 2020). Após a formação, vem o atendimento direto ao público. É nesse ponto que a participante deixa claro a importância do trabalho em rede, pois o indivíduo pode precisar não só de um atendimento, mas também da assistência social. Débora finaliza o *checklist* dizendo sobre a importância da conexão entre os setores de saúde mental e atenção psicossocial, visto que juntas auxiliam na estabilização e proteção do indivíduo que busca o serviço.

Em síntese, fica claro a necessidade do profissional de psicologia em se manter atualizado sobre as normas de biossegurança e respeitá-las, bem como pensar em estratégias criativas para auxiliar o indivíduo que procura atendimento, buscando entender suas demandas e adaptá-las com o contexto de uma epidemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Psicologia de Emergências e Desastres é uma área de atuação pouco conhecida no Brasil, mas vem ganhando enfoque nos últimos anos, principalmente nesse momento atual. A pandemia do COVID-19 fez com que voltassem o olhar para essa área que antes não tinha visibilidade e durante o processo deste trabalho foi visto o quanto se fazem necessárias as estratégias para momentos de emergência. O profissional nessa área tem uma participação muito importante nesse processo que auxilia outros profissionais, a população e de modo geral todos aqueles que estão vulneráveis perante a situação, buscando sempre que possível fazer o processo de prevenção e se não for possível devido a algumas situações que não são controláveis, é importante fazer o acolhimento, informar,

direcionar e ajudar da melhor forma todos aqueles que procuram por ajuda nesse momento de desamparo.

Levando em consideração todo histórico da Psicologia de Emergências e Desastres, que de fato agregou esta pesquisa, deve-se dar devida atenção para o assunto que engloba a área relatada e o contexto que atualmente o mundo está vivenciando. O COVID-19 ainda continua fazendo vítimas, e os números de óbitos são alarmantes. Diante dos resultados apresentados, a Psicologia de Emergências e Desastres contribui com a criação de estratégias para cuidados do profissional, equipe e paciente, pois além de afetar a saúde física, afeta diretamente a saúde mental. O processo de biossegurança ainda sim é a única saída para todos estarem em segurança, como por exemplo, o isolamento social, o uso de máscaras e a higienização das mãos. Preceitos básicos fazem toda a diferença no combate do vírus e contribuem para uma maior segurança dos profissionais e usuários. Em virtude de tudo que foi mencionado, faz parte da população conscientizar-se sobre as estratégias de cuidados, pois as informações que são repassadas, antes de tudo, são estudadas e analisadas por todos os profissionais dispostos a encontrar uma solução para o fim da pandemia do coronavírus.

Diante disso, em alguns momentos do debate entre as profissionais de Psicologia, ficam evidentes as preocupações sobre a pandemia que está se espalhando, pois percebe-se a tamanha falta, tanto de equipamentos quanto de informações para a população e profissionais. Questionamentos que se enfrentam ainda no momento, pois a situação de casos e óbitos só aumenta no país, mesmo que as descobertas e pesquisas científicas estão buscando soluções.

Em suma, ficou evidente a necessidade de toda a população, profissionais da saúde e usuários, buscarem informações fidedignas e colocá-las em prática. Além disso, percebe-se a escassez de conteúdos teóricos sobre a atuação do psicólogo no contexto do COVID-19 e da Psicologia de Emergência e Desastres no Brasil, fazendo-se então necessárias mais produções sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Desastres Naturais**. Brasília: CENAD, v. 3, 2014.

Disponível em:

<<https://www.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosDefesaCivil/ArquivosPDF/publicacoes/AnuarioBrasileiro-de-Desastres-Naturais-2013.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

_____. **Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil. [S. l.]: 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112608.htm>. Acesso em: 10 mai. 2020.

_____. Ministério da Saúde. **Coronavírus Brasil**. Brasília: 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Um ano do desastre da Vale: Organização e resposta do Ministério da Saúde. **Bol. Epidemiol.** 2020, p. 1-35. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/boletimsepidemiologicos>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

BRAGA, A. P. de A.; *et al.* Produção científica sobre psicologia dos desastres: Uma revisão da literatura nacional. **Estud. psicol. (Natal)**, v. 23, n. 2, p. 180, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X201800020009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Coronavírus: Atuação da Psicologia em emergências e desastres**. Youtube, 8 abril de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=peWpFEZ9a-g>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

FIOCRUZ. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT). **MonitoraCovid-19**. Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <<https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2021.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994, p. 22.

NETO, O. D.; BELO, F. R. Psicologia das Emergências Gerais. **Rev. Interinst. Psicol.** Juiz de Fora, v. 8, p. 284-299, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198382202015000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 abr. 2020.

NOAL, D. da S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

PAULINO, A. F.; SANT'ANA, F. G. F. A atuação do Psicólogo frente às Emergências e Desastres. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas e Sociais – UNIT-AL**, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/fitshumanas/article/view/5309>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SOUTO, X. M. COVID-19: aspectos gerais e implicações globais. **Recital -Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Almenara, v. 2, n. 1, p. 12-36, 2020. Disponível em: <[https://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.p hp/recital/ar tic le/view/90](https://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital/artic le/view/90)>. Acesso em: 15 mai. 2020.

SPINK, M. J. P.; *et al.* **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p. 213-269.